



ENTREVISTA COM ZHANG JIANHUA, CEO BANK OF CHINA BRAZIL

Por Claudio Fristchak e André Soares

QUEM É O BANK OF CHINA

Fundado em 1912, logo após a revolução nacionalista, o Bank of China é o banco mais antigo da China. Até 1949, funcionou como o Banco Central da China e, depois, tornou-se um banco comercial com foco em comércio exterior, tendo mais de 12 mil escritórios na China e mais de 600 no exterior, distribuídos por 35 diferentes países.

CF: O senhor poderia falar um pouco sobre a instituição Bank of China? O quão grande é? Como se compara com os outros três grandes bancos que existem na China?

ZJH: O Bank of China foi criado em fevereiro de 1912, assim, neste ano, completamos 100 anos de existência. É o mais antigo banco na China e, entre 1912 e 1949, funcionou como o Banco Central, possuindo também funções como trocas cambiais e serviços *especializados* em comércio exterior.

CF: Então o Bank of China possuía três diferentes funções?

ZJH: No início, o Bank of China funcionou, sucessivamente, como o banco central, o banco para trocas cambiais, e, para comércio exterior. Depois de 1949, o banco passou a atuar apenas como um banco especializado em comércio exterior e trocas cambiais, deixando de atuar no mercado doméstico chinês. Em 49, foi criado o People's Bank of China, que se tornou o atual banco central da China. Em 1994, o Bank of China foi transformado em um banco estatal comercial. É também importante ressaltar que, em 2006, o Bank of China se tornou o primeiro banco chinês comercial listado tanto na China continental como em Hong Kong, permitindo a realização de negócios com a bolsa de valores de Xangai e Hong Kong.



CF: E qual é o valor de mercado atualmente? Como o Bank of China se posiciona na China?

ZJH: Quanto à capitalização de mercado, o banco está classificado em terceiro lugar. Temos quatro grandes bancos comerciais na China. Em primeiro lugar, o Industrial and Commercial Bank of China (ICBC), seguido do China Construction Bank e do Bank of China. Em quarto lugar, está o China Agricultural Bank.

CF: E quantas filiais o Bank of China tem na China e no mundo?

ZJH: Temos mais de 12 mil escritórios na China e mais de 600 no exterior, distribuídos por 35 diferentes países. Temos uma rede muito forte com grande abrangência.

CF: Isso significa que dentre os grandes quatro bancos na China, vocês são os mais internacionalizados?

ZJH: Exatamente. Isso pode ser explicado pelo fato de que, antes de 1985, o Bank of China era o único banco autorizado a operar no mercado bancário internacional. O que significa que todas as empresas chinesas interessadas em fazer negócios no exterior, deveriam entrar em contato com o Bank of China para realizar seus contratos internacionais.

CF: Os outros bancos também desempenham as mesmas funções que o Bank of China, em termos de importação e exportação?

ZJH: Só começaram depois de 1985, o que significa que hoje dividimos mercado com outras empresas, embora o Bank of China tenha sido o primeiro a operar nesta área. Por exemplo, recentemente, o ICBC aplicou para obter a licença do Banco Central do Brasil para a criação de um escritório. Então, isso nos estimulará a fazer um melhor trabalho no Brasil.

AS: Você comentou que o Bank of China era o único banco ao qual as empresas chinesas poderiam recorrer em se tratando de suas atividades de importação e exportação. E o Export-Import Bank of China, qual é a sua função?

ZJH: O Export-Import Bank of China, juntamente com o China Development Bank e o China Agriculture Development Bank, são os bancos voltados para a



implementação de políticas do governo chinês, seus negócios estão relacionados aos efeitos econômicos sociais na China.

CF: O senhor poderia falar sobre os serviços que o Bank of China oferece?

ZJH: O Bank of China é um dos bancos mais internacionalizados e diversificados da China. Teve um crescimento enorme nas últimas décadas, construindo uma reputação de renome mundial ao explorar redes de negócios internacionais e ganhar o reconhecimento da indústria com a sua busca por excelência, boa gestão, foco em clientes e forma de trabalho meticulosa.

Nossa lista de serviços inclui:

- Serviços bancários comerciais, incluindo serviços bancários corporativos e pessoais e de negócios do mercado financeiro,
- Serviços de investimentos via BOC International Holdings Limited,
- Serviços de seguros através do BOC Insurance Group Company Limited,
- Serviços de gestão de fundos através do BOC Investment Management Co., Ltd.,
- Serviços de gestão de investimentos via BOC Group Investment Limited
- Arrendamento de aeronaves por meio de BOC Aviation Leasing Corporation.

CF: Com relação aos serviços de gestão de fundos, o banco presta esses serviços nacional e internacionalmente?

ZJH: Uma pergunta muito interessante. De acordo com as leis para bancos comerciais na China, não é permitido um engajamento neste tipo de atividade internacional. Assim, a solução adotada pelo banco é utilizar sua empresa registrada em Hong Kong, que tem um sistema relativamente independente, para fornecer este tipo de serviço.

CF: Então, por exemplo, se uma empresa brasileira estiver interessada em realizar uma joint venture com uma empresa chinesa, em um terceiro país, na China ou no Brasil, seria o Bank of China a instituição apropriada para apoiá-la nesta iniciativa?

ZJH: Claro. Nós realizamos este tipo de serviço utilizando o Bank of China (BOC) International registrado em Hong Kong, o braço de investimento do Bank of China.



Por exemplo, eles realizam serviços como consultoria para M&A e IPO ou atuam como broker na venda ou compra de ações para o cliente.

CF: Teria, então, este BOC International, situado em Hong Kong, um balanço contábil separado? Por questões de regulações, basicamente, o que o banco regulador chinês, em última instância, está fazendo é tentar minimizar o risco para o sistema.

ZJH: Sim, e além do BOC International, o Bank of China, alguns anos atrás, comprou uma das maiores empresas de leasing do mundo, cujo nome mudamos para BOC Aviation Leasing Corporation, localizada em Cingapura.

CF: Esta empresa fornece serviços de leasing para a compra de aviões?

ZJH: Eles estão fornecendo serviços para diversas empresas no mundo. Recentemente, o CEO desta empresa de leasing de aviões veio para o Brasil e iniciou conversas com a GOL e a TAM. A companhia está interessada em fornecer este tipo de serviço também para empresas aéreas brasileiras.

CF: Mas a empresa também oferece leasing para a compra de aviões para companhias no mercado doméstico chinês?

ZJH: Sim. Outro ponto importante de destacar é que o Bank of China tem conquistado reconhecimento entre as instituições financeiras internacionais.

Somente para citar alguns prêmios, poderia dizer: o banco do ano na China em 2011; o 11º maior banco do mundo em termos de capital dentre os “World Top 1000 Banks” em 2011, ranking da revista inglesa The Banker; e foi posicionado como uma instituição importante para o sistema financeiro global, pelo Financial Stability Board (FSB).

Em novembro de 2011, o Bank of China foi nivelado, pelo S&P- Standard & Poor’s, em termos de créditos de longo prazo de A- para A. Já em termos de créditos de curto prazo, passamos de A-2 para A-1. E as perspectivas para o longo prazo se mantém estáveis para esses níveis. Esse aumento no nível dos créditos do Bank of China reflete a visão positiva do S&P sobre o registro operacional estável do banco e seu grau de competitividade nos mercados globais.



CF: O senhor poderia falar um pouco sobre a operação do Bank of China no Brasil?

ZJH: Possuímos um escritório de representação no Brasil desde 2000 e decidimos elevar este escritório ao nível de uma operação local. Para tanto, submetemos nossa aplicação às normas requeridas pelo Banco Central do Brasil. Em 2008, recebemos a aprovação do Banco Central e, então, começamos a injetar capital e realizar outros registros legais. Só começamos a operar em meados de 2009.

O objetivo do Bank of China Brazil é facilitar o comércio entre o Brasil e a China. Para ser mais específico, trabalhamos para apoiar tanto empresas brasileiras como chinesas a realizarem seus negócios em ambos os países. Estamos focados no mercado sino-brasileiro e nossos clientes são aquelas empresas interessadas em realizar negócios em ambos os mercados, incluindo as empresas chinesas que têm negócios no Brasil e vice-versa.

CF: E qual é o escopo de negócios no Brasil?

ZJH: Falando sobre o escopo de nosso negócio, apoiamos as relações comerciais, através de serviços financeiros, assim como fornecemos empréstimos de curto prazo e apoiamos projetos financeiros. Sempre com o foco em empresas brasileiras e chinesas engajadas nos negócios entre os países.

Em termos de setores comerciais, basicamente, o Bank of China elegeu os setores relacionados a commodities, responsáveis pela maior parte das trocas comerciais entre Brasil e China, poderia dizer que quase 85% do que a China importa do Brasil é relacionado a commodities.

O segundo setor para o qual direcionaremos nossos esforços será o de telecomunicações. Como pode perceber, temos hoje no Brasil um número significativo de grandes empresas chinesas ingressando em áreas relacionadas a telecomunicações. Outro setor seria o automotivo e, por fim, o de infraestrutura, mais especificamente melhoria de infraestrutura.

CF: E como é a atuação do banco no mercado brasileiro?

ZJH: Essa é uma ótima pergunta. De fato, estamos atuando no mercado brasileiro desde julho de 2011. É importante explicar que assim que obtivemos a licença para operar, decidimos passar um tempo estudando e conhecendo o mercado brasileiro e como ele funciona. Fazer negócios no Brasil é diferente de outros países, aqui há regras e regulamentos bastante complexos.



CF: De forma geral ou específica para o setor bancário?

ZJH: Bom, estou falando sobre o setor bancário. Precisa-se estar em acordo com uma série de procedimentos que mudam com certa frequência. Também é necessário ser bastante cauteloso para realizar negócios no Brasil, deve-se estar familiarizado com o mercado.

Desde que obtivemos a licença para atuação em 2009, decidimos que teríamos diferentes fases no Brasil. Durante a fase 1, que foi de julho de 2009 ao primeiro trimestre de 2010, optamos por entender o mercado local e nos preparar para nossa atuação. Em outras palavras, basicamente, construímos nossa plataforma interna de negócios – por exemplo, realizando ajustes em nosso sistema interno de tecnologia da informação (TI).

Na segunda fase, com início em abril de 2010 e término em novembro de 2010, começamos a fazer alguns negócios, em pequenos volumes, com o objetivo de nos testar e ver se a plataforma que construímos estava pronta para operar.

A terceira fase teve início no final de novembro de 2010 e foi quando consideramos que estávamos, finalmente, prontos para atuar no mercado. Desde então, estamos realmente operando no mercado brasileiro.

CF: E como ocorreu a progressão de suas operações no Brasil?

ZJH: Então, se você analisar o nosso balanço, verá que não é tão grande, mesmo tendo duplicado após um ano de operação. E, até o momento, a maioria de nossos clientes são empresas brasileiras, como a Vale, Petrobras, Braskem e CSN.

CF: Que é muito interessante. Se tivesse que adivinhar, diria o contrário. Mas o banco tem um número considerável de blue chips brasileiras como clientes.

Podemos, agora, falar sobre a internacionalização do RMB?

ZJH: Desde que a crise financeira teve início em 2008, o mercado de moeda global está em um estado instável, com o euro em sérios riscos e a confiança internacional no dólar também se desgastando.

Em meio a essa turbulência monetária, o governo chinês tem buscado reformar o regime de moeda internacional. Desde o final de 2008, a China tem acelerado esforços para promover o RMB como uma moeda internacional.



O governo chinês tem acelerado as reformas em função de um conjunto de razões. A principal delas é, dado o volume das exportações chinesas e os fluxos de IED para o mundo, reduzir a dependência do dólar para liquidação do comércio exterior, que seria a melhor maneira de proteger os exportadores chineses de riscos cambiais e reduzir ou eliminar custos associados à proteção. Da mesma forma, ao utilizar o RMB como uma moeda de investimento, riscos cambiais serão diminuídos e as empresas chinesas poderão pegar um volume maior de empréstimos para investir em outros países. Além disso, o uso crescente RMB deve, ao longo do tempo, ajudar a diminuir o excesso de dólares das reservas cambiais chinesas, que já são maiores que US\$ 3 trilhões.

CF: Isso significa que com 1% de depreciação do dólar, haveria uma perda líquida de 3 bilhões de dólares nas reservas chinesas.

ZJH: Está certo. É por isso que o governo chinês está acelerando as reformas para o uso do RMB como moeda para negócios internacionais. Para cumprir com esse objetivo, o governo lançou um programa piloto para o uso do RMB como uma moeda para trocas comerciais internacionais, em 2009, envolvendo províncias e cidades como Xangai, Cantão, Shenzhen, Zhuhai e Dongwu, e também, regiões legais fora da China como Hong Kong e Macau, além de países do Leste Asiático. Mais de 365 empresas chinesas foram envolvidas nesse programa piloto, realizando suas trocas através de RMB.

Em junho de 2010, o escopo do programa foi expandido para outras 20 províncias e cidades da China. Todas as empresas envolvidas em atividades de importação e exportação foram incluídas no programa.

Outros dois passos importantes para a reforma financeira ocorreram, em agosto de 2010, com o programa piloto para o lançamento de títulos em RMB no mercado por parte de instituições internacionais e, em outubro de 2010, quando foi lançado o programa para investimento estrangeiro direto através de RMB. Desta forma, as empresas chinesas estavam aptas a realizar trocas comerciais e investimentos utilizando o RMB.

CF: Existem diferentes modelos de liquidação para apoiar as empresas estrangeiras a fazerem trocas comerciais em RMB?

É importante ressaltar que há dois modos de utilização do RMB para a liquidação das importações e exportações com empresas estrangeiras. O primeiro deles é o modelo de liquidação através de um banco, no qual o Bank of China é o responsável por realizar as liquidações por meio de suas subsidiárias em Hong Kong e Macau.



A outra maneira é o que denominamos de Correspondent Clearing Model. Neste modelo, os bancos comerciais chineses atuam como agentes de bancos comerciais internacionais, assumindo o papel de liquidador dos contratos de RMB para o banco estrangeiro na China. Isso significa, que o Bank of China ou qualquer outro banco chinês ou instituição financeira deve realizar acordos com instituições financeiras internacionais para atuar como seu agente para liquidação dos contratos em RMB na China.

O volume das transações de comércio transfronteiriço realizadas em RMB estão crescendo rapidamente. Até 2010, haviam sido liquidados em torno de RMB 506,3 bilhões em transações transfronteiriças comerciais administradas pelos bancos chineses, representando, aproximadamente, 2,5% do total do comércio externo para o mesmo período.

A partir de 2011, a liquidação para as transações transfronteiriças comerciais em RMB totalizou cerca de RMB 2.080 bilhões, 3,6 vezes o volume de 2010, 581 vezes o de 2009 (RMB 3,6 bilhões), quando o programa piloto foi lançado.

CF: E quais são os benefícios do processo de internacionalização do RMB?

ZJH: Muito brevemente, existe uma série de benefícios no processo de internacionalização do RMB, são eles:

Para as empresas chinesas:

- Para Exportação: não há risco cambial, particularmente na expectativa de valorização do RMB;
- Para Importação: não há risco cambial, mesmo quando a moeda utilizada para a compra está apreciada, e o custo financeiro da empresa não seria aumentado.

Para as empresas brasileiras:

- Minimização da perda cambial: ao escolher um RMB mais estável como moeda de assentamento em relação ao dólar, o risco cambial poderia ser minimizado. Particularmente duas conversões poderiam ser evitadas se uma terceira moeda fosse utilizada na transação.
- Antecipação da valorização do RMB: por algum tempo no futuro, o RMB deverá manter seu ritmo de apreciação. Possuir ativos em RMB implica em obter benefícios dessa valorização.



- Taxa de câmbio mais acessível.
- O amadurecimento do mercado de NDF no exterior pode fazer com que a taxa de câmbio se aproxime da tendência da taxa de câmbio do RMB.
- O financiamento do comércio em RMB poderia ser realizado por qualquer banco local que tivesse pré-estabelecido acordo ou bancos na China.
- Expansão de Mercado.
- No momento em que a empresa chinesa escolhe o RMB para o comércio, ela pode ajudar a empresa brasileira a explorar o mercado chinês, também usando RMB.

Em função da flutuação do dólar, observada nos últimos anos, as empresas chinesas estão sofrendo com elevados riscos em relação às taxas de câmbio. Em contrapartida, o RMB tem se apresentado bastante estável. Assim, as empresas chinesas tendem a preferir a realização de negócios em RMB. Se as companhias brasileiras aceitarem esse tipo de contrato, com certeza, estarão aptas a capturar uma maior fatia do mercado chinês. Esse tipo de expansão, via utilização do RMB, pode ser outro benefício para as empresas brasileiras.

CF: E o que há de mais recente no processo de internacionalização do RMB?

ZJH: Hoje em dia, se estamos falando sobre o processo de internacionalização do RMB, o mais recente avanço está relacionado aos acordos de troca de RMB feitos entre países. A partir de 2011, a China assinou acordos bilaterais de swap de moeda com 14 países e regiões, totalizando um montante de RMB 1.290 bilhões. Esse tipo de iniciativa está impulsionando o desenvolvimento do negócio transfronteiriço em RMB. A China já assinou acordo com os seguintes países: Coreia do Sul, Hong Kong, Malásia, Bielorrússia, Indonésia, Argentina, Islândia, Cingapura, Nova Zelândia, Uzbequistão, Mongólia, Cazaquistão, Tailândia e Paquistão.

CF: Então, da América Latina, temos somente a Argentina?

ZJH: Sim, o único país. Esse acordo claramente facilita as trocas comerciais em RMB entre as empresas e seus parceiros chineses.

CF: E quanto tempo demora para negociar este tipo de acordo?

ZJH: Pelo que sei, o Banco Central da China está discutindo esse assunto com o Banco Central brasileiro há dois anos. Há alguns dias, houve a reunião de alto nível entre o Brasil e a China.



CF: A COSBAN?

ZJH: Exato. A delegação chinesa foi liderada pelo vice-premier Wang Qishan, que muito provavelmente abordou este tópico. Não sabemos quando, de fato, este acordo será assinado. No entanto, considero que seria um grande benefício e facilitaria muito o comércio entre os países.

Sob este tipo de acordo, ambos os países podem reduzir riscos com relação a taxas de câmbio e custos de suas moedas para o comércio internacional, em vez de usar o dólar como intermediário.

Também se deve levar em conta o desenvolvimento do mercado para negociação de títulos denominados em moedas asiáticas, facilitando o investimento do dinheiro ganho através do comércio na região. Dessa forma, esse dinheiro pode ser reinvestido na China.

CF: A internacionalização do RMB é um assunto complexo.

ZJH: Gostaria também de destacar outro grande passo para a internacionalização do RMB. Em dezembro de 2011, China's security regulatory commission, o People's Bank of China e a State Administration of Foreign Exchange Control, lançaram em conjunto, um programa piloto de investimento em securities por empresas gestoras de fundos de investimentos em RMB, qualificando companhias estrangeiras a atuarem através de subsidiárias em Hong Kong no mercado de securities em RMB na China.

Isso é muito interessante, pois possibilita que o RMB retido através do comércio volte para a China em forma de investimento.

Eu diria que isso é um grande passo para a internacionalização do RMB. Também existe o Renminbi Qualified Foreign Institutional Investors (RQFII) - a política responsável por reger o ambiente institucional das companhias estrangeiras interessadas em ingressar no mercado de investimento de securities na China. Esse tipo de política é, de certa forma, um grande passo dado pelo governo chinês no processo de internacionalização do RMB, que pode fazer com que a moeda volte a ser investida na China.

CF: Na verdade, é um grande passo na abertura da conta de capitais chinesa.

ZJH: Sim. É um passo inicial frente a total abertura do mercado de capitais. Também é importante notar que, dado o volume de comércio entre Brasil e China, o acordo de



troca bilateral seria a melhor solução para se envolver em negócios usando RMB. Sob este tipo de acordo, as empresas dos dois países terão benefícios no processo de internacionalização do RMB, gerados a partir de um RMB relativamente estável, quer em termos de custo financeiro ou em risco cambial. Esse tipo de acordo se tornará um grande impulso ao comércio bilateral nos próximos anos.

CF: Claro, reduz-se os custos de transação.

ZJH: Está correto.

CF: E, assim, o volume de comércio acabará por se expandir.

ZJH: Está certo, esse será o principal impacto. Agora podemos discutir outras questões relacionadas ao nível operacional.

CF: Considerando um exportador brasileiro com interesse, do ponto de vista de sua gestão de fluxo de caixa, em reter RMB. Por exemplo, gostaria de ter dólares, RMB, euros e Yen. Ele estaria apto a reter RMB fora da China?

ZJH: Sim, é possível tanto converter o RMB em dólares e depois em reais para atender ao seu fluxo de caixa, quanto reter RMB com instituições financeiras chinesas através da abertura de uma conta para não residentes em RMB.

CF: Perfeito.

ZJH: É claro que haveria uma combinação perfeita se você tivesse de comprar produtos na China. É possível usar o RMB em uma conta de não residente para compra produtos. Isso ocorreria no caso das empresas brasileiras que importam uma elevada quantidade de máquinas e equipamentos. Ou, por exemplo, até mesmo com empresas como Vale e Petrobras. Apesar de serem grandes exportadoras para a China, elas poderiam utilizar o RMB para equilibrar seus fluxos de caixa, podendo usar o Bank of China para diminuir os riscos das variações cambiais envolvendo o NDF. O Bank of China Brazil pode fornecer esse tipo de serviço.



CF: Mas suponha uma empresa com um significativo desequilíbrio em seu caixa, basicamente, exportadora. Ela poderia até importar algum volume, mas seu foco é a exportação para a China. Seria possível abrir uma conta de não residente com o Bank of China?

ZJH: Sim, você pode aplicar para ter uma conta de não residente na China, não no Brasil.

CF: Assim, pode-se abrir uma conta na China e usar o Bank of China como provedor de serviços para investir o RMB em securities?

ZJH: É uma boa pergunta. De forma geral, neste momento, o mercado ainda é muito restrito, mas, sob meu ponto de vista, está sendo regulamentado. É claro que este dinheiro pode ser investido para render juros à empresa.

CF: Pode-se comprar, pelo Bank of China, títulos do governo e de empresas chinesas denominados em RMB?

ZJH: Isso só pode ser analisado com mais detalhes sobre o caso. Diria, à primeira vista, que esse dinheiro poderia ser investido em títulos e no mercado bancário, no entanto, as taxas de juros não seriam tão elevadas.

Deixe-me acrescentar outra informação. Uma conta não residente deve ser aberta em conjunto com instituições financeiras chinesas. Estamos estudando se é possível, ao invés de abrir uma conta de não residente, as empresas brasileiras utilizarem somente sua conta no Bank of China Brazil. Estamos analisando a viabilidade de conversão do RMB que essas empresas necessitam receber de companhias chinesas, diretamente, para reais, para posterior depósito em uma conta com o Bank of China Brazil.

Uma vez que as empresas brasileiras tenham ordens de recebimento pela venda de seus produtos para a China, o importador chinês realizará o pagamento em RMB para uma instituição financeira na China. A empresa chinesa pode instruir a instituição financeira a remeter esta quantia em RMB para uma filial do Bank of China na China, por exemplo em Xangai. Esta então indicará que, por exemplo, a empresa brasileira ABC receberá RMB 10 milhões e que esse dinheiro deve ser convertido em reais para a conta da empresa brasileira com o Bank of China Brazil. Ainda estamos estudando se isso é possível, pois o Brasil possui uma série de regras e regulamentações para esse tipo de transação. Pelo lado chinês, isso não seria um problema. Em função da diferença no fuso horário, podemos oferecer um serviço em tempo real.



CF: Você estão testando as opções, muito bom.

ZJH: Estamos estudando todas essas opções.

CF: Uma última pergunta. Como o senhor deve saber, na Latin American Trade Organization (ALADI) existe o Convênio de Crédito Recíproco (CCR), que consiste em um mecanismo simples no qual diferentes bancos centrais atuam como clearing houses. Basicamente, existe um banco central, no caso, que atua como o clearing house. O ponto é que esse mecanismo tem duas implicações: facilita o comércio entre os bancos centrais provendo garantias. Por exemplo, se um exportador vender um milhão de dólares para o Equador e, por algum motivo, o governo equatoriano decidir por controlar sua taxa de câmbio e não pagá-lo, em função do acordo com o CCR, todos os bancos centrais, automaticamente, deverão garantir essa quantia. Como resultado, os riscos são minimizados. Esse é um mecanismo que está facilitando os negócios na América Latina e vem funcionando muito bem. Você prevê algum tipo de modelo similar ao CCR entre o Banco Central brasileiro e o People's Bank of China?

ZJH: Somente entre ambos os países, Brasil e China?

CF: Sim, você vê algum mecanismo similar a este para facilitar as trocas comerciais entre os países?

ZJH: Isso é muito comum em outras regiões, é uma maneira que as organizações financeiras mundiais encontraram para promover o desenvolvimento econômico regional. Os países cooperam de forma conjunta para prover certas garantias às instituições financeiras pertencentes ao grupo. O relacionamento entre Brasil e China é diferente daquele estabelecido pelo Brasil com outros países. As relações bilaterais estão indo muito bem, reuniões de alto nível entre as lideranças de ambos os países tem acontecido, por isso, não considero que esse tipo de mecanismo seria requisitado. Também, porque temos instituições como o China Development Bank e o China Export-Import Bank, também conhecido como Sinosure, que fornecem seguros para trocas comerciais, que também ajudam a prevenir este tipo de problema.

CF: Há ainda uma segunda característica do CCR que gostaria de esclarecer. Assumindo que o Brasil tenha exportado US\$ 1 bilhão para a China e que a China tenha exportado o mesmo volume para o Brasil - o balanço seria zero. Então, ao final do dia, não haveria nenhum movimento de moedas estrangeiras de um país para o outro.



ZJH: Isso é o que está previsto no acordo bilateral de swap.

CF: Então, de certo modo, seria natural para o Brasil assinar este tipo de acordo?

ZJH: Vejo que esse tipo de acordo seria muito benéfico para ambos os países e não considero que levará muito mais tempo para ser colocado em prática.

CF: Bem, muito obrigado por sua atenção, foi uma ótima oportunidade para discutir este tópico.

ZJH: O prazer foi meu.